

ENSINO SUPERIOR PRIVADO ENTRADA E PERMANÊNCIA: ESTUDANTES PROUNI E NÃO BOLSISTAS

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira *

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir a política de ação afirmativa ProUni, Programa Universidade para Todos, que trata da inclusão de estudantes de classes populares em Instituição de Ensino Superior (IES) privado. Também faz uma primeira comparação entre estudantes do ProUni e os não bolsistas segundo a trajetória dos mesmos no Ensino Superior (ES). A discussão baseia-se no modelo econômico neoliberal brasileiro que privilegia o setor privado. Os conceitos de Bourdieu possibilitam compreender porque sujeitos de origem popular buscam o ES, nível de ensino próprio das classes médias. Os dados foram coletados em 2006, com estudantes que adentraram a universidade em 2005 e acompanhados longitudinalmente ao longo de alguns cursos por eles eleitos. Os dados foram obtidos a partir da entrevista semi-estruturada e da análise de documentos fornecidos pela instituição. O estudo preliminar nos leva a refletir sobre a importância do ES para estudantes com diferentes dificuldades. Os problemas apontam para um questionamento sobre o currículo desenvolvido pelas IES e se este atende as diferentes expectativas de estudantes cuja origem social é tão diferente. As falas dos estudantes bolsistas e o aproveitamento dos que chegaram ao final dos cursos mostram uma satisfação pela formação obtida. Sobre os não bolsistas os dados mostram que a permanência nos cursos é bastante tumultuada. As contradições entre os grupos são evidentes, apontando o desafio que as IES privadas enfrentam para atender expectativas de grupos sociais tão diferentes. A bibliografia marxista e a neoliberal, estudos de Bourdieu, Lahire, Sacristán e Apple direcionam nossa análise.

Palavras-chave: Ensino Superior. Aproveitamento. ProUni. Não bolsistas. Currículo.

*Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo - USP e possui Pós-Doutorado em Psicologia Social na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. É Professora Titular na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e atua no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação e no Curso de Graduação em Pedagogia. E-mail: ledamor@uol.com.br.

**ACCESS AND PERMANENCE IN PRIVATE HIGHER EDUCATION: PROUNI
STUDENTS AND NON-SCHOLARSHIP HOLDERS.**

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira*

ABSTRACT

The goal of this work is the discussion of the affirmative action policy ProUni (in Portuguese, Programa Universidade para Todos), that promotes the inclusion of students issued from lower classes in private higher-education (HE) institutions. We also make a first comparison between ProUni students and non-scholarship holders according to their trajectories in HE. The discussion is based on the Brazilian neoliberal economic model that privileges the private sector. Bourdieu's concepts allow to understand why subjects issued from the lower classes seek HE, a level of education typical of middle classes. The data were collected in 2006, with students that entered university in 2005 and were followed longitudinally during some of the courses chosen by them. The data were obtained from semi-structured interview and from the analysis of the documents obtained from the HE institutions. The preliminary study brings a reflection on the importance of HE to students with different difficulties. The problems point towards a questioning about the core curriculum proposed by the HE institutions and whether they meet the different expectations of students issued from many different social backgrounds. The interviews with the ProUni students and the grades of those who reached their diploma show satisfaction regarding the training obtained. On the non-scholarship holders side, the data show that their continuation in the HE is quite complicated. The contradiction between the two groups are evident, pointing towards the challenge that the private HE institutions face to attend the expectations of distinct social groups. The Marxist bibliography, the neoliberal one, studies by Bourdieu, Lahire, Sacristán, and Apple guide our analysis.

Key-words: Higher Education. Performance. ProUni. Non-scholarship holders. Core curriculum.

* PhD in Social Psychology from the University of São Paulo - USP and has Postdoctoral Fellow in Social Psychology at the Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) in Paris. Is Professor at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), and serves on the Program of Postgraduate Studies in Education and the Graduate Program in Education. E-mail: ledamor@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de discutir a política de ação afirmativa ProUni, Programa Universidade para Todos, que trata especificamente da inclusão de estudantes no ensino superior privado. O ProUni faz parte de um conjunto de ações afirmativas e foi implementado pelo governo Lula da Silva em 2005. Além de buscar atender a esse objetivo, apresentamos uma primeira comparação entre os bolsistas ProUni e os estudante pagantes, no que trata da trajetória dos estudantes no ensino superior.

O programa ProUni oferece bolsas integrais para alunos que completaram o ensino médio em escolas da rede pública (ou em escolas particulares com bolsa integral) e fazem parte de famílias com renda per capita de até um salário mínimo e meio, e bolsas parciais (de 50%) para alunos cuja renda familiar per capita não exceda três salários mínimos. A instituição que adere ao ProUni fica isenta de alguns impostos e contribuições, como o Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas, a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido, entre outros.

A pesquisa foi realizada até aqui em três etapas: na primeira, fizemos a caracterização socioeconômica dos estudantes bolsistas; na segunda, analisamos as trajetórias dos bolsistas segundo três aspectos: entrada, permanência e aproveitamento; na terceira etapa esses aspectos também foram objeto de análise dos estudantes não bolsistas.

A discussão aqui proposta tem como pano de fundo o modelo econômico neoliberal brasileiro que, entre outras características, privilegia o setor privado e não o público. Valoriza todas as iniciativas que desonerem - em grande parte ou totalmente - o Estado da sua responsabilidade em manter serviços essenciais para a população. Parte desses serviços (principalmente saúde e educação) fica a cargo do próprio sujeito, dependendo totalmente de seus recursos para mantê-los.

O neoliberalismoⁱ foi empregado como parâmetro para compreendermos o porquê da ação afirmativa privilegiar o setor privado do ensino superior. E nos conceitos básicos de Bourdieuⁱⁱ encontramos apoio para compreendermos porque sujeitos de origem popular buscam tal nível de ensino, contrariando a idéia de que o ensino superior é próprio das classes médias. Na

busca de compreendermos como agem as classes médias diante da educação, buscamos nos trabalhos de Saes (1977) alguns pontos fundamentais do comportamento dessa classe.

Os trabalhos de Saes (1977) concebem a classe média como um segmento particular do conjunto dos trabalhadores assalariados, que se caracteriza por ter uma situação de trabalho e uma ideologia específica. Conhecidos em boa parte da literatura sociológica como trabalhadores de escritórios ou colarinho branco, os trabalhadores de classe média realizam um trabalho socialmente percebido como não-manual, podem usufruir maior autonomia na atividade laboral e, no plano ideológico, concebe as desigualdades econômicas e sociais – nível de remuneração, prestígio profissional etc. - como resultado da desigualdade de dons e de méritos dos indivíduos que compõem a sociedade. É isso que autores como Bourdieu (1975) denominam pensamento meritocrático. Tal pensamento, que pode ser concebido como uma ideologia, aparece na valorização, típica dos trabalhadores de classe média, do diploma e da trajetória escolar. Consideramos ainda que esse segmento pode se subdividir em setores ou frações.

Com base no acima exposto colocamos a hipótese trabalhada na pesquisa expressando a idéia de que esses sujeitos devem pertencer a uma fração de classe, fração esta originária da classe médiaⁱⁱⁱ que mantém uma situação particular com o sistema escolar.

Partimos então da idéia de que esses sujeitos beneficiados pelo ProUni não eram esperados na universidade, com base em tendências sociologicamente previstas, é o exemplo de Saes (1977), Foracchi (1965) e Bourdieu (2007), em estudos que caracterizam as classes médias, quanto ao nível socioeconômico e quanto às suas aspirações de classe. Esta classe, em função da posição que ocupam no espaço social, não pertencendo à burguesia, mas não pretendendo se proletarizar busca uma distinção social a partir da escolarização em níveis de graduação e pós-graduação. Empregam a formação universitária como forma de alcançar melhores salários e por sua vez, ascender socialmente.

Os dados sobre os quais trataremos aqui foram coletados em uma pesquisa que teve início no ano de 2006, com estudantes ProUni que adentraram a universidade em 2005, pela primeira vez. A primeira idéia que tivemos foi buscar conhecer mais de perto quem seriam esses estudantes e quais suas expectativas com o ensino superior, considerando que não poderiam pertencer às classes médias, em função do teto máximo de renda familiar permitido ao bolsista

segundo texto da medida provisória. Esses estudantes recém matriculados no ensino superior foram acompanhados longitudinalmente, ao longo de alguns dos diferentes cursos por eles eleitos, do início ao término do mesmo, ou seja, ano de 2008 ou 2009, dependendo do curso, quatro ou cinco anos de duração.

As informações desta pesquisa foram obtidas junto a uma importante Instituição de Ensino Superior (IES) privada do sudeste brasileiro, muito bem avaliada externamente e sem fins lucrativos. Cabe aqui lembrar que essa instituição leva a sério a aplicação das condições estabelecidas na Medida Provisória número 213, de 10 de novembro de 2004, para aceitação do estudante que pode ser matriculado pelo ProUni. Outra informação importante, os professores da instituição não costumam saber se o aluno é ou não bolsista ProUni ou ainda, se tem outra modalidade de bolsa, como por exemplo a bolsa da universidade. Assim, exige-se dos bolsistas o mesmo que se exige dos alunos pagantes.

2 METODOLOGIA E RESULTADOS

Enquanto metodologia de trabalho e abrangência dos dados coletados, alertamos que não foi pretensão do estudo considerar uma amostra representativa dos estudantes ProUni da instituição, tampouco podemos pensar em uma generalização dos dados para essa e outras situações análogas. Pode-se sim refletir sobre algumas informações e procurar verificar o que encontramos de semelhanças e diferenças entre os estudantes ProUni da instituição pesquisada e os de outras, sem desconsiderar as características próprias do local onde se encontram tais instituições, de cada uma delas e dos bolsistas.

A pesquisa^{iv} trabalhou com 50 estudantes (10% do total de alunos ProUni em cada curso) de cinco diferentes cursos matriculados pelo programa, a saber: Direito, Psicologia, Fonoaudiologia, Pedagogia e Ciências Sociais. Os cursos foram escolhidos conforme critérios por nós estabelecidos, cursos mais e menos valorizados socialmente. Escolhemos a relação candidato/vaga do vestibular da FUVEST como parâmetro que pode determinar cursos mais ou menos valorizados.

Os alunos pagantes considerados freqüentavam os mesmos cursos escolhidos pelos alunos bolsistas; o número deles leva em conta os matriculados em 2005, em cada um dos cursos, e os que conseguiram chegar ao final dos mesmos, 2009 ou 2010. Não temos um número específico em função da variação muito grande entre número de matriculados e formados. No decorrer do texto esses aspectos ficarão mais claros.

Considerando os sujeitos estudados pudemos refletir sobre os ganhos obtidos pelos bolsistas, bem como sobre algumas dificuldades por eles encontradas. Estudamos como se deu a entrada e permanência dos bolsistas do programa no ensino superior, comparativamente ao grupo de estudantes pagantes, estes matriculados nos mesmos cursos dos primeiros, cuidando de guardar a especificidade de cada um dos grupos.

O aproveitamento dos estudantes bolsistas foi estimado a partir das notas^v obtidas pelos estudantes ao longo dos cursos - alguns de quatro anos de duração e outros de cinco anos. A permanência do estudante deriva da nota obtida, pois ela pode redundar em aprovação, reprovação, trancamento ou desistência. O aproveitamento expresso em notas pode ser um dos aspectos facilitadores ou não da permanência dos bolsistas. Esses mesmos critérios foram considerados junto aos estudantes pagantes.

Respondendo a um de nossos objetivos, caracterizar o estudante do ProUni segundo aspectos socioeconômicos, e para saber as razões pelas quais procuram o ensino superior, os sujeitos da pesquisa responderam a uma entrevista. Parte das questões tratava de caracterizá-los segundo idade, aspectos econômicos, sociais, escolarização e ocupação dos pais. As questões abertas tratavam das informações referentes à escolha do curso e opinião sobre o programa do qual usufruíam a bolsa de estudo.

Os estudantes foram divididos em dois grupos, conforme os cursos, 25 estudantes pertencentes ao primeiro grupo, Fonoaudiologia, Pedagogia e Direito e 25 pertencentes ao segundo grupo, Psicologia e Ciências Sociais. Os resultados obtidos mostram que no primeiro grupo a faixa etária dos estudantes está entre 20-34 anos e no segundo grupo a faixa etária está entre 18-45 anos, matriculados no primeiro ano de curso. Ressalta-se, entre os 50 estudantes, somente nove deles tinham 18 anos. Todos os demais, estavam acima da idade considerada adequada para adentrar ao ES; destaca-se: quatro deles tinham 30 anos e um estudante tinha 45

anos. Simplificando, 41 estudantes estavam com idade acima do esperado. Podemos dizer que a maioria não conseguiu manter adequada a relação idade/série ao longo da sua trajetória escolar.

A adequação idade/série relaciona-se às condições de origem social facilitadoras da permanência escolar. Em outras palavras, relaciona-se à estrutura de coexistência familiar que pode aproximar a criança das regras do jogo escolar ou afastá-las, como explica Lahire (2004). No caso dos alunos bolsistas que não mantiveram relação idade série adequada, provavelmente estiveram longe de atender as regras do jogo escolar.

Outro dado interessante que corrobora com a situação acima descrita é o nível de escolaridade dos pais dos alunos bolsistas. Entre os 100 sujeitos, somando-se os pais e as mães encontramos somente 13 com ensino superior completo, ou seja, 13% dos pais. Isto mostra que a maioria, 87% dos pais está entre os que fizeram o ensino fundamental completo ou ensino básico completo, este último inclui o ensino médio.

Podemos dizer também que nos dois grupos predominam as ocupações que exigem alguma escolarização ou pouca qualificação. Assim, no grupo de 100 pais (pai e mãe) obtivemos as seguintes respostas: entre as mães, 23 delas são donas de casa - trabalho manual sem qualificação; 37 sujeitos entre os pais e mães exercem ocupações que exigem alguma escolarização ou qualificação: carpinteiro, mecânico, costureira, metalúrgico, comerciante, caminhoneiro, vendedor. Encontramos 19 pais e mães que são supervisores de trabalhos não manuais. Duas mães são professoras primárias e, portanto, são qualificadas. Entre os pais que são profissionais liberais encontramos, 4 deles que são “pequenos empresários” - menos de cinco empregados - e uma psicóloga.

Resumindo, entre as ocupações, considerando as respostas de 85 sujeitos (15 deles não responderam) somente 3 deles são profissionais qualificados: as duas mães que são professoras primárias e uma psicóloga. Como no item escolarização encontramos 13 pais com ensino superior completo é provável que os 10 restantes estejam entre os pequenos empresários ou ainda, entre os que não responderam sobre a ocupação.

A renda familiar nos dois grupos de estudantes está entre dois e três salários mínimos. Apenas três famílias têm renda superior a cinco salários mínimos.

Pelo quadro até aqui apresentado pode-se verificar que a maioria das famílias dos sujeitos beneficiários da bolsa ProUni não se encaixa dentro da definição de classe média, conforme idéias de Saes e Bourdieu já mencionadas acima. Digo isto em função das características da ocupação dos sujeitos, que na sua maioria são trabalhadores manuais, embora possamos dizer que algumas ocupações são mais qualificadas que outras^{vi}.

Com exceção do psicólogo e professor que têm maior autonomia no trabalho, os demais não gozam dessa regalia. São de fato trabalhadores que devem cumprir com horas de trabalho e funções determinadas. Não exercem funções que sejam socialmente percebidas como não manuais (por exemplo, bancário), ao contrário são ocupações manuais, de fato. As ocupações não retornam uma remuneração diferenciada, a ponto de nutrirem a idéia de que não pertencem às classes populares (por esforço e mérito deles próprios), ou por ocuparem um lugar no espaço social que os aproxime das classes médias. Estão longe dessa possibilidade. Podem dizer que por mérito e esforço próprios conseguiram chegar onde estão os professores e a psicóloga. Os demais, não têm uma qualificação que seja fruto de uma trajetória mais escolarizada.

Poderíamos pensar nos casos dos proprietários de pequenas empresas. Pode impressionar esse fato, afinal são proprietários e podem ter chegado lá pela formação, embora não a tenham especificado. Entretanto, podem estar dentro das mesmas características dos demais, pois mesmo estando entre os que têm a maior renda familiar isso ainda representa pouco, em termos de poder aquisitivo, Três mil e cento e dez reais (R\$3.110,00). Ressalta-se que as famílias que têm essa renda estão dentro das regras do ProUni, pois segundo ela a renda familiar dividida pelo número de pessoas da família não pode ultrapassar Novecentos e trinta e três reais (R\$933,00), per capita, ou seja, um salário mínimo de Seiscentos e vinte e dois reais (R\$622,00) e meio de Trezentos e onze reais (R\$311,00). É o caso dessas famílias.

Assim, seguindo as idéias de Bourdieu (2005), a partir das informações sobre a ocupação dos pais e a renda familiar, estima-se como baixo o nível de capital econômico e cultural das famílias, no sentido de acumular ganho a partir desses capitais. Isso impede a mobilização do capital cultural de pais para filhos, de modo a criar disposições nos indivíduos que fossem fruto de práticas que exortassem a meritocracia, os dons, o esforço próprio. Essa mobilização é própria das classes médias. Em função do pouco capital econômico e cultural esses sujeitos não poderiam

sentir o poder do conhecimento para essa empreitada. Faz sentido então a nossa pergunta, porque esses sujeitos buscam o ensino superior, o que os move?

Por isso insistimos, a idéia de que a educação é fundamental para os sujeitos poderem ascender socialmente, bem como transformar a situação social na qual as classes populares se encontram é importante trunfo do neoliberalismo e não das classes populares em si. Assim, exige-se dos sujeitos um esforço homérico para “subirem na vida”, pela educação, e essa idéia constitui-se em “ideologia da educação”, a panacéia dos problemas sociais e econômicos dos indivíduos, mas dependendo de seus próprios méritos e esforços.

O Estado vai se ausentando desse movimento cada vez mais, e delegando ao setor privado o dispendioso serviço de educação superior. Aqui passamos a entender porque o ProUni foi a forma encontrada pelo governo Lula de expansão do ES, especialmente para as classes menos favorecidas pelo seu governo; por um lado favoreceu uma classe que não havia reivindicado vagas no ES, seja ele público ou privado, e por outro, favoreceu o crescimento da nova burguesia de serviços, é o caso dos proprietários das IES privado, ampliando e favorecendo aos seus interesses. Toda essa situação torna praticamente impossível para as classes populares a entrada e permanência em instituições privadas do ensino superior, em geral. As melhores instituições privadas mantêm altas mensalidades e as que mantêm baixas mensalidades têm avaliação de qualidade sofrível, medida pelas avaliações externas de órgãos governamentais, na maioria delas. Portanto, a situação é cruel para sujeitos que não têm como fazer um bom ensino médio, passaporte para frequentarem uma IES pública.

Diferentemente das classes populares, as classes médias atendem suas necessidades educacionais e ascensão social pagando altas mensalidades nas escolas privadas do ensino médio, garantindo assim uma vaga no ensino superior público de qualidade. Já as classes populares, atendidas pelo ProUni, não têm as mesmas chances de ascensão das classes médias, não só pelo capital social e cultural que não tinham de onde herdar, mas principalmente por frequentarem, na sua maioria, IES de qualidade sofrível.

A partir das entrevistas realizadas verificamos que em termos de perspectivas profissionais os dados expressam, nos dois grupos, a idéia da valorização da mobilidade individual ascendente (BOURDIEU, 2007). O ingresso na universidade acena para os estudantes

entrevistados a superação da situação socioeconômica familiar. Acreditam na importância social dos cursos nos quais estão matriculados. A fala dos bolsistas aprova o programa do qual usufruem, referendando o ideário de verba pública para instituições privadas. Dizem que o governo Lula acertou em dar oportunidade para os que não conseguem adentrar ao ensino superior público de qualidade, reparando uma dívida que o Estado teria para com as classes populares, enquanto o *“orçamento do Estado financia o estudo de alguns poucos privilegiados”*. Acreditam os bolsistas que o programa é uma *“ação positiva – uma opção democratizante frente à restrição de acesso nas principais IES não pagas do país”*.

Na segunda parte da pesquisa o estudo dos históricos escolares dos sujeitos considerou os mesmos cursos da primeira parte, assim como os mesmos estudantes. Alertamos que em 2010 partimos de um total de 58 sujeitos, por razão de matrículas (transferências de estudantes de outras instituições) ocorridas ao longo dos anos iniciais da pesquisa. Todas as informações do histórico foram fornecidas pelo sistema de atendimento ao bolsista da universidade pesquisada.

Quanto ao tempo de formação do bolsista, em cada curso analisado, temos que levar em consideração o fato dele ter iniciado o curso em 2005 e que há cursos de quatro anos e outros de cinco anos de duração. Portanto, o tempo máximo de formação, em regra, deve ser o ano de 2008 ou 2009.

No curso de Ciências Sociais (quatro anos de formação) o total de bolsistas é de oito; deles somente dois se formaram em tempo normal (2008) com média 7,5 de aproveitamento; quatro deles precisaram de mais tempo para concluir o curso (2009) com média 8.0 de aproveitamento e dois alunos foram reprovados por nota ou frequência insuficiente.

O curso de Direito (cinco anos de formação) tem um total de 27 bolsistas. Deles, 18 se formaram em tempo normal com média 7.5 de aproveitamento; quatro deles permaneceram matriculados e obtiveram nota seis; um aluno bolsista desistiu do curso e quatro estudantes foram reprovados por nota ou frequência insuficiente.

O curso de fonoaudiologia, duração de quatro anos tem um total de cinco alunos bolsistas. Deles quatro se formaram em tempo normal com média 8.0 de aproveitamento. Um deles desistiu do curso.

No curso de Pedagogia (quatro anos de formação) encontramos nove bolsistas e deles oito se formaram em tempo normal e obtiveram a média 7,0 de aproveitamento; um deles foi reprovado por falta.

Os dados dos bolsistas do curso de Psicologia dão conta de que nele há um total de nove bolsistas. Deles, seis terminaram o curso em tempo normal com a média 9.0 de aproveitamento; dois desistiram do curso e um deles foi reprovado por nota ou por frequência insuficiente.

Segue a situação acadêmica dos alunos bolsistas ProUNi que foram pesquisados até o momento.

De um total de 58 sujeitos, 20 deles são casos diferenciados, encontram-se nas categorias, **formados fora do tempo; reprovados em uma ou mais disciplinas** – estes estudantes continuam matriculados cursando as disciplinas em dependência e por isso são candidatos a se formarem fora do tempo; **reprovados** por nota ou frequência insuficiente (não temos a especificação precisa deste dado) e **desistentes** do curso. Vinte sujeitos nessas situações sobre 58 não é pouco, aproximadamente 1/3, ou seja, de 34,5% deles encontram algum obstáculo durante o curso. Ao mesmo tempo temos que ponderar, pois no geral 38 alunos sobre 58 tiveram sucesso (mais da metade deles), se formaram em tempo normal e a média de aproveitamento foi 7,5, o que não é pouco, estão acima da nota mínima (cinco) exigida para aprovação.

Temos que reconhecer, mesmo contrariando a origem social destes estudantes, e de certa forma também a teoria de Bourdieu, mais da metade deles conseguiu sucesso na universidade, pois terminou o curso com média 7,5 e dentro do tempo normal. Por um lado, contrariamos a teoria de Bourdieu porque suas pesquisas mostram a grande tendência ao fracasso escolar de sujeitos oriundos de classes populares; por outro lado, sua teoria afirma também que, o universo escolar é a única fonte para que esses sujeitos possam se aproximar da cultura dominante ou legitimada (BOURDIEU, 1966). Esse pode ser o caso de alguns dos estudantes ProUni.

Nos casos de sucesso, podemos dizer que esses sujeitos conseguiram driblar as dificuldades impostas pela origem social e as defasagens que podem ter dificultado a trajetória escolar de muitos deles, já que os dados apontam para um baixo capital cultural dos pais e uma relação idade/série que mostra uma defasagem grande, já que dentre os 50 estudantes somente 9

deles tinham 18 anos. Os demais estavam acima da idade considerada normal para entrada no ensino superior.

Por outro lado, a teoria de Lahire (2004) aponta que dentro das classes populares pode acontecer de se ter determinadas configurações familiares e condições sociais que favoreçam o sucesso escolar de seus filhos, na escola básica. Aqui, os estudantes embora oriundos do ensino médio público conseguiram cumprir com o currículo da universidade que frequentaram.

O mais preocupante entre os dados obtidos é o número referente aos formados fora do tempo normal de curso e reprovados por nota ou frequência insuficiente. Vimos que dentro destas categorias estão 20 sujeitos sobre 58. Como dito anteriormente, aproximadamente 34,5% ou seja, mais de 1/3 deles terá a trajetória do ES alterada de alguma forma em função da reprovação, o pior dos acontecimentos para aqueles que se mantêm matriculados nos cursos.

É preciso também ponderar que estamos falando de 58 sujeitos, e não do universo de bolsistas da instituição. Por isso, é claro, os resultados se restringem a eles, mas não podemos deixar de enxergar a existência de um fato, a de que esses sujeitos são diferenciados pela origem social, e por isso, tiveram e têm trajetórias escolares específicas e com alguma dificuldade no percurso como um todo. A evasão escolar por reprovação, desistência e outras formas de exclusão são plausíveis no caso específico da trajetória escolar desses estudantes, e por isso a defasagem idade/série (CUNHA, 1981). Há indícios de que os estudantes desta pesquisa não chegaram à escola com habilidades e comportamentos adequados e esperados pela instituição escolar que facilitasse a aquisição de conhecimentos específicos. Os dados indicam que os pais e a família em geral, não tinham comportamentos que os aproximassem do jogo escolar institucionalizado.

Os trabalhos de Bourdieu (2005) e Lahire (2004) nos ajudam a compreender o caso desses estudantes, uma vez que o baixo capital econômico, cultural dos pais e, portanto, a extração social dos estudantes analisados dificultou que os mesmos tivessem acesso à cultura dominante. As famílias dos estudantes pesquisados provavelmente não puderam oferecer, na infância dos filhos, as condições mínimas para que pudessem ter acesso aos bens culturais em geral; o mesmo se pode dizer das relações sociais.

3 ESTUDANTES PAGANTES

A terceira parte dessa pesquisa teve início em 2011, e tem como sujeitos alunos pagantes dos mesmos cinco cursos freqüentados pelos alunos bolsistas: Direito, Psicologia, Fonoaudiologia, Ciências Sociais e Pedagogia. Buscamos informações sobre a entrada, permanência e aproveitamento acadêmico desses alunos em documentos fornecidos pelo setor de alunos na universidade. Tal análise é necessária, pois só assim teremos alguma base para dizer se existe diferença na forma de permanência e aproveitamento desses alunos, em relação aos alunos do ProUni.

Nesta fase da pesquisa somente organizamos os alunos pagantes em dois grupos, em função do tempo de curso e não estamos trabalhando com amostra. Por isso, não podemos compará-los estatisticamente aos bolsistas, mas é possível ter um panorama do que ocorre com os estudantes pagantes em relação à permanência no curso.

Os dados apresentados em seguida têm como ponto de partida o número de matriculados por curso e o número de formados em quatro ou cinco anos.

TABELA 1 - Matriculados e Formados nos cinco cursos

Cursos	Matriculados 2005/	Formados 2008/ 2009
Ciências Sociais Pedagogia Fonoaudiologia	350	176
Direito Psicologia	900	508
Total	1250	684 (54,72%)

Fonte: Banco de dados da IES pesquisada. Dados organizados pela pesquisadora.

Conforme Tabela 1 o total de alunos pagantes matriculados em 2005, considerando os cinco cursos é de 1250 estudantes. Entre os cursos de quatro anos (Ciência Sociais, Pedagogia e Fonoaudiologia) temos 350 estudantes matriculados em 2005 e 176 formados. Nos cursos de cinco anos (Direito e Psicologia) temos 900 estudantes matriculados e 508 formados. Podemos

afirmar que os cursos de cinco anos, na sua totalidade, são mais procurados e podem ser mais valorizados socialmente e os de quatro anos são menos procurados e ao contrário dos demais podem ser menos valorizados socialmente. Para essa classificação usamos a relação candidato /vaga, tal qual especificamos quando tratamos dos cursos dos alunos bolsistas neste texto, anteriormente.

Abaixo, na Tabela 2, podemos avaliar a situação entre matriculados e formados nos cursos de cinco anos.

TABELA 2– Situação Acadêmica por Curso: Direito e Psicologia

Cursos	Matriculados em 2005	Cancelados, desligados, transferidos, trancados	Matriculados em 2009	Formados em 2009 *
Direito	660	613 (92,87%)	47 (7,12%)	382/660 (57,87%)
Psicologia	240	216 (90%)	24 (10%)	126/240 (52,5%)
Total	900	829 (92,11%)	71 (7,8%)	508/900 (56,44%)

Fonte: setor de aluno da instituição pesquisada. Dados organizados pela pesquisadora.

* Formados= estudantes matriculados em 2005 e / ou matriculados antes de 2005 (alongaram o tempo de curso), por isso n° de formados é desproporcional ao de matriculados em 2009.

Nos cursos de cinco anos como Direito e Psicologia temos um total de 900 estudantes matriculados em 2005 e em 2009 encontramos 71. Como o total de formados em 2009 é 508 podemos supor que dentre eles estão todos os matriculados no último ano 71/ 508 ou 13,97% e que somente eles fariam o curso em **tempo normal**. Portanto, seguindo nosso raciocínio, se retirarmos do total de formados, 508, os 71 matriculados em 2009 sobrariam 437 alunos que alongaram o seu tempo de curso. Ou seja, 437/ 508 ou 86,02% dos estudantes terminaram sua formação em mais de cinco anos e seriam matriculados antes de 2005. Esse raciocínio nos parece mais lógico na medida em que a segunda coluna da Tabela 2 e Tabela 3 mostra uma desistência muito grande, junto com os trancamentos e demais categorias. Muitos devem reabrir a matrícula, voltar ao curso e terminá-lo em mais tempo. Por isso o cálculo é sempre feito em função do total de matriculados inicialmente, dentro deles estariam os que chegaram em 2008 na Tabela 3 e em 2009 na Tabela 2; muitos teriam reaberto a matrícula, e outros devem ter voltado ao curso por

terem cumprido, por exemplo, dependências, etc. Isso pode explicar o aumento significativo de formados quando comparados ao número de matriculados no último ano.

Na Tabela 3, abaixo, podemos avaliar a situação entre matriculados e formados nos cursos de quatro anos.

Tabela 3 - Situação acadêmica por curso: Ciências Sociais, Pedagogia e Fonoaudiologia

Cursos	Matriculados em 2005	Cancelados, desligados, Transferidos, Trancados	Matriculados em 2008	Formados em 2008 *
Ciências Sociais	150	102 (68%)	48 (32%)	36/150 (24%)
Pedagogia	152	147 (96,71%)	5 (3,28%)	99/152 (65,13%)
Fonoaudiologia	48	43 (89,58%)	5 (10,41%)	41/48 (85,41%)
Total	350	292 (83,42%)	58 (16,57%)	176 /350 (50,28%)

Fonte: setor de aluno da instituição pesquisada. Dados organizados pela pesquisadora

* Formados= estudantes matriculados em 2005 e/ou matriculados antes de 2005 (alongaram o tempo de curso), por isso n° de formados é desproporcional ao de matriculados em 2009.

Conforme Tabela 3, cursos de quatro de anos, temos Ciências Sociais, Pedagogia e Fonoaudiologia com 350 estudantes matriculados em 2005 e 58 estudantes em 2008. Como em 2008 o número de formados é 176 podemos supor que entre os formados estão todos os matriculados no último ano 58/176 ou 32,95% que teriam feito o curso em **tempo normal**. Seguindo o raciocínio anterior, se retirarmos do total de formados, 176, os 58 matriculados em 2008, sobrariam 118 estudantes que alongaram seu tempo de estudo. Ou seja, 118/176 ou ainda 67,04 % dos estudantes terminaram sua formação profissional em mais de quatro anos e seriam matriculados antes de 2005.

Como se pode observar, dos cinco cursos em discussão, somente no curso de Ciências Sociais o número de formados (36) é inferior ao número de matriculados (48) em 2008, indicando que 12 estudantes devem ter sido reprovados em alguma disciplina e, provavelmente, estes alunos levarão mais tempo para terminar o curso. Dentre todos os cursos o de Ciências Sociais é exceção, com relação ao número de formados e matriculados.

Tendo ainda em vista os dados das Tabelas 2 e 3 podemos pensar o que ocorreu ao longo do curso para que no último ano tenha um número tão pequeno de matriculados. Para isso calculamos a perda de alunos entre os matriculados em 2005 e os matriculados no último ano de

cada curso. Verificamos a perda de alunos no decorrer do curso a partir do número de cancelados, desligados, transferidos e trancados. É o que se observa nas Tabelas 2 e 3. Na coluna cancelados, desligados, transferidos e trancados o número é muito significativo, 92,11% na primeira tabela e 83,42% na segunda. Pode-se pensar que esse número deve ser atenuado com o número de reaberturas de matrículas, o que de fato ocorre, mas esses devem estar entre os matriculados. O movimento é bastante complicado, ao mesmo tempo em que num semestre se tem um percentual de trancamentos no outro temos um outro percentual de reabertura e os registros da instituição pesquisada não são precisos a ponto de se ter essas movimentações. Isso nos impossibilita ter um número correto da evasão dos cursos. Assim, os dados acima relacionados à evasão, formados no tempo ou os que alongaram o tempo do curso são aproximados, mas significativos para ilustrar esse fato. Os números sobre esses aspectos foram obtidos a partir dos matriculados no início e final do curso e considerando o número de formados.

Diferentemente do caso dos estudantes do ProUni cuja origem social é popular, adentrando a universidade com bolsa integral ou bolsa parcial de 50%, os estudantes pagantes vêm de outras classes sociais, classe média e classe média alta.

Os alunos pagantes não responderam a um questionário socioeconômico, mas podemos afirmar que pertencem à classe média ou classe média alta em função dos valores das mensalidades pagas por eles. O valor mais baixo (curso de Pedagogia) das mensalidades dos cursos em discussão é de Mil e quarenta e dois reais (R\$1042,00) e o valor mais alto é de Mil e novecentos e noventa reais (R\$1990,00), valores praticados em 2012, 1º semestre. Somente as famílias mais abastadas podem manter seus filhos numa universidade privada com esses valores.

Diante dos dados acima queremos discutir e analisar apenas dois deles, os que mais nos chamaram atenção: o primeiro, a desistência^{vii} expressa nos trancamentos, desligamentos, cancelamentos e transferidos e o segundo, o número de formados e tempo de formação nos cursos considerados.

Sobre o primeiro dado, o número de sujeitos que cancela a matrícula, se desliga do curso, que é transferido ou ainda que tranca a matrícula, a partir do ano de 2005, início dos cursos, é muito grande; 92,11% no primeiro conjunto de cursos e de 83,42% no segundo^{viii}.

Sobre o segundo, o número de formados e o tempo de formação nos diferentes cursos considerados mostra que o número de formados é sempre muito superior ao número de matriculado no último ano de curso. Isto quer dizer também que, o número de alunos que está alongando o tempo de curso é muito grande. No grupo de cursos de 5 anos o número dos que alongam o tempo de curso é de 437 estudantes, ou seja, 86,02% deles terminaram sua formação em mais de cinco anos e seriam matriculados antes de 2005. No grupo de cursos de 4 anos, 118 estudantes ou 67,04 % terminaram sua formação profissional em mais de quatro anos e seriam matriculados antes de 2005. Para conferir os dados, verificar raciocínio apresentado anteriormente^{ix}.

No que diz respeito aos trancamentos e demais categorias, muitas devem ser as causas, entretanto, a razão financeira deve ser um dos fatores que leva os alunos a pedirem cancelamento, trancamentos, em função das altas mensalidades etc. Podemos supor que mesmo as classes médias têm dificuldades para manter seus filhos no ES privado. Outra razão, a meu ver importante, é a questão curricular. A universidade tem como objetivo fundamental a produção de conhecimento a partir da pesquisa e esta alimenta o ensino e a extensão. Esse objetivo se contrapõe a atual exigência da economia neoliberal em função do mercado de trabalho, ou seja, exige-se uma mão de obra especializada (formação eficiente e rápida) para que a produção seja maior, melhor e, portanto, mais competitiva (RODRIGUES, 2007). A nossa pergunta é, os estudantes não podem estar desistindo dos cursos por não verem aplicabilidade técnica imediata nas disciplinas desenvolvidas e exigidas nos currículos? Esta é uma questão que ainda queremos fazer aos estudantes na continuidade da pesquisa a partir de entrevistas.

Percebe-se então que a universidade pode não atender, atualmente, a aspiração de ascensão das classes médias a partir das tradicionais profissões das áreas de humanas, biológicas e exatas, facilitadoras da mobilidade social. A busca pelo diploma teria agora outra finalidade, atender a demanda pelas técnicas (cursos tecnológicos com curta duração) capazes de engendrar novas posições de trabalho e por sua vez buscar um outro lugar no espaço social, o mais próximo possível das classes mais privilegiadas. Talvez esse ponto seja um dos impasses colocados atualmente para a universidade, do qual a nosso ver ela tenta se desvencilhar.

Aqui podemos pensar, então, que o ES privado pode estar atendendo melhor aos estudantes de classes menos privilegiadas do que os das classes médias. Nos cursos tradicionais o diploma conseguido pelos alunos ProUni, por exemplo, pode ter maior valor simbólico e maior valor em termos de propiciar uma ascensão, mínima que seja. Digo mínima em função da desvalorização do diploma em termos de mercado, na medida em que ele se dissemina nas diferentes classes. Isso se explica, segundo Bourdieu (2005). Ainda segundo este autor “[...] os portadores de diplomas desvalorizados sentem-se pouco inclinados a perceber [...] e reconhecer a desvalorização de diplomas aos quais estão fortemente identificados [...]”. (BOURDIEU, 2005, p. 162). Segundo Bourdieu, a falta de capital cultural não permite que esses sujeitos identifiquem o descompasso entre o diploma procurado e a realidade do mercado de trabalho. Em outras palavras esse descompasso “é tanto mais marcante quanto maior é a distância em relação ao sistema escolar e mais fraca ou mais abstrata a informação sobre o mercado dos títulos escolares”. (BOURDIEU, 2005, p. 160)

Para as classes médias e médias altas, esse movimento é mais complexo. Somente o diploma tradicional não resolverá seu problema de permanência na classe ou de uma reclassificação social. Na sociedade em geral as formações tradicionais (engenheiro, médico advogado, professor, etc) estão saturadas no mercado. É preciso então buscar cursos que valorizem muito o capital cultural e social já herdado anteriormente (origem familiar) e que os diferenciem dos demais.

Abandonar, trancar a matrícula nos cursos que freqüentam, para esses estudantes, pode ser menos traumático que para um aluno ProUni cuja origem identificamos como sendo das classes populares.

No caso das classes médias, que percebem mais claramente a desvalorização dos diplomas, em função da disseminação dos mesmos, os estudantes saem em busca de cursos diferenciados em áreas ainda não apropriados pelas classes populares, para completar sua formação. Podem fazer isso em outros países, mesmo enquanto cursam a graduação tradicional. Isso pode explicar o movimento discrepante existente entre o número de matriculados e de formados nos cursos. Também pode explicar o alongamento dos cursos em função da busca de curso complementares à formação tradicional. Em geral esses alunos procuram por curso de línguas específicas da área de formação, fora do país; buscam pelas possibilidades de fazerem

fora do país um ano de curso da graduação, aproveitando os convênios fechados pelas IES, além de cursos práticos que tragam novas dimensões para a futura profissão. Além disso, podem trabalhar na área como estagiários, procurando diferenciar-se a partir de experiências no mercado.

Quanto ao segundo aspecto que nos chamou atenção, o número de formados e o tempo de formação. Vimos a partir dos dados apresentados que o número de formados é sempre maior que número de matriculados no último ano. Isto evidencia que mesmo os alunos pagantes não conseguem realizar o curso no tempo mínimo de formação. Tal qual os bolsistas ProUni, o fato se repete com os estudantes pagantes. Sem tentar comparar os dois grupos, uma vez que, como dissemos anteriormente, não trabalhamos com amostras representativas, pudemos constatar o mesmo problema com os alunos pagantes. Principalmente, pelo fato de pagarem altas mensalidades, nossa hipótese é que acabariam os cursos em tempo normal, com um nível mínimo de reprovação. Não foi o que observamos. A porcentagem de estudantes que aumenta o tempo de curso (por reprovação ou trancamento) é muito grande, 67,04% nos cursos de quatro de anos e 86,02% nos de cinco anos.

Diante deste quadro e pensando as condições de vida desses sujeitos, apoiamo-nos nos conceitos de Bourdieu para dizer que, de qualquer forma para esses sujeitos pararem o curso temporariamente ou mesmo para sempre, não é tão preocupante como o é para os estudantes das classes populares. Enquanto para estes a formação universitária é extremamente importante em função das suas expectativas de ascensão, para as classes médias o trancamento ou mesmo o seu desligamento pode ter outro significado. Ao longo do curso superior podem ter vários interesses, novas opções de estudos e de trabalho, muitas vezes em outros países. Tudo isso pode trazer outros horizontes. Conforme Bourdieu e Saes as classes médias buscam profissões diferenciadas, pois pretendem escapar à desclassificação e para isso “[...] podem, com efeito, ou produzir novas profissões mais ajustadas às suas pretensões [...] ou então reordenar, em conformidade com suas pretensões, por meio de uma redefinição que implica uma reavaliação, as profissões às quais seus diplomas dão acesso” (BOURDIEU, 2007, p.165). Segundo o autor, a redefinição de cargos e carreiras resulta da transformação das propriedades escolares dos que os ocupam. Nos cursos aqui analisados e em função das profissões por eles propostas, é possível que exista para

esses estudantes a busca de novas profissões, juntando ao diploma pretendido novos estudos e experiências de trabalho que lhes darão um diferencial. Como são de uma origem social mais elevada, esses estudantes estão menos propensos a aceitar as ambições limitadas, progressivas e previsíveis do processo de vida das classes populares, comuns (BOURDIEU, 2007).

Finalizando nossas reflexões preliminares podemos dizer que a universidade, atualmente, recebe ao mesmo tempo, sujeitos antes não esperados, os de classes populares e os filhos de famílias de classes média e média alta que apontam ter hoje outras aspirações frente ao ensino superior. Diante desses fatos, quais as mudanças necessárias que a universidade deve colocar em ação para que os currículos sejam mais acessíveis às classes populares ao mesmo tempo em que propiciem as alternativas diferenciadas para os que são de uma origem social mais elevada? Essas e outras questões darão continuidade ao nosso trabalho.

As IES privadas já consagradas como de qualidade devem manter o nível de exigência, favorecendo assim tanto as classes populares não esperadas no ensino superior, como as classes médias. Assim podem cumprir com seus objetivos de ensino pesquisa e extensão, que é o caso das IES privadas diferenciadas das que simplesmente têm fins lucrativos.

Seria necessário um estudo dos currículos e formas pelas quais estes pudessem ser desenvolvidos de forma a contemplar plenamente aos interesses dos bolsistas e de todos os demais estudantes. Dessa forma, segundo (SACRISTÁN, 1998; GOODSON, 2001) estaríamos respeitando o movimento externo da sociedade que historicamente marca as mudanças curriculares. As políticas de ação afirmativa, ProUni e outras seriam de fato respeitadas e estaríamos incluindo esses estudantes de forma competente. As IES privadas de qualidade não podem assumir novas funções sem que de fato pensem nas formas ideais de trabalho com o escopo de manter a qualidade e a boa formação profissional de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

BOITO, Armando Jr. A hegemonia neoliberal no governo Lula. In: **Crítica Marxista**, n. 17, Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____, Pierre. **Escritos de educação**. (org.) Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio, Petrópolis, Editora Vozes. 2005

_____, Pierre e Passeron, J.C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Editora S.A., 1975

_____. **Les héritiers les étudiants et la cultura**. Paris, Les Éditions de Minuit, 1966

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1981

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 1º Edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

GOODSON, Ivor F. **O currículo em mudança**. Porto, porto editora, 2001.

LAHIRE, Bernard. **O sucesso escolar nos meios populares as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

NEVES, Maria Lúcia (Org.). **O empresariamento da educação novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990**. São Paulo: Xamã, 2002.

RODRIGUES, José. **Os empresários e a educação superior**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno; Gómez, A.I. Pérez. (1998) **Comprender e Transformar o Ensino**. São Paulo, Artmed, 1998.

SAES, Décio A. Marques de. Classe média e políticas de classe (uma nota teórica). In: **Contraponto**, 2, novembro, pp. 96-102, 1977.

ⁱ Os trabalhos de Boito Jr. esclarecem sobre o sistema econômico neoliberal brasileiro; e os trabalhos de Neves tratam do neoliberalismo e educação, especificamente. Estes textos estão referenciados na bibliografia.

ⁱⁱ Conceito de capital econômico, cultural e social conforme Bourdieu, 2005 e 2007, especificados na bibliografia.

ⁱⁱⁱ Pensamos aqui na caracterização dessa fração como uma classe média mais empobrecida, em função do novo modelo econômico-neoliberal. Assim, tiveram seus salários constantemente desvalorizados com os planos Bresser, Collor e Real. Também sofreram com o pagamento de serviços que antes eram públicos e foram substituídos pelo privado, saúde e educação, por exemplo.

^{iv} A pesquisa com os alunos bolsistas foi realizada em 2006-2007; foram entrevistados por dois alunos de iniciação científica/CNPq: Cibele Suzuki Gomes Pedroso e Hugo Eiji Ibanhes Nakagowa. A segunda parte da coleta, 2007-2008 análise de documentos, foi realizada por Camila Mendes Garcia, também aluna de IC/ CNPq e com os alunos pagantes entre os anos de 2010 -2011 pela pesquisadora.

^v Tivemos acesso às notas por meio de documentos fornecidos pela instituição. Acompanhamos as notas dos alunos ao longo do período pesquisado identificando o aluno pelo número de matrícula.

^{vi} É o caso do mecânico, cujo trabalho exige mais qualificação do que o caminhoneiro, por exemplo.

^{vii} Desistência aqui pode ser um trancamento temporário, pois, muitos reabrem a matrícula. Não se trata, portanto de uma evasão propriamente dita.

viii Para conferir os dados ver raciocínio apresentado anteriormente, logo após as tabelas 2 e 3.

ix Para conferir os dados ver raciocínio apresentado anteriormente, logo após as tabelas II e III.